



SUMÁRIO

- 9 APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO
Carlos Moore
- 13 INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO
Elisa Larkin Nascimento
- 17 NOTA HISTÓRICA
Elisa Larkin Nascimento
- 21 APRESENTAÇÃO
Kabengele Munanga
- 25 INTRODUÇÃO
Elisa Larkin Nascimento
- 29 1. SANKOFA: SIGNIFICADO E INTENÇÕES
Elisa Larkin Nascimento

| | | |
|-----|------------|---|
| 55 | 2. | INTRODUÇÃO ÀS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES AFRICANAS <i>Elisa Larkin Nascimento</i> |
| 73 | 3. | AS CIVILIZAÇÕES AFRICANAS NO MUNDO ANTIGO <i>Elisa Larkin Nascimento</i> |
| 109 | 4. | A ÁFRICA NA ORDEM MUNDIAL <i>Michael Hamenoo</i> |
| 133 | 5. | REFLEXÕES SOBRE O “DESCOBRIMENTO” DAS AMÉRICAS <i>Gizêlda Melo do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento</i> |
| 141 | 6. | LUTAS AFRICANAS NO MUNDO E NAS AMÉRICAS <i>Elisa Larkin Nascimento</i> |
| 183 | 7. | ÁFRICA ONTEM E HOJE: UMA PERSPECTIVA ANGOLANA <i>Francisco Romão de Oliveira</i> |
| 191 | 8. | ANGOLA ONTEM E HOJE <i>Ismael Diogo da Silva</i> |
| 205 | 9. | ÁFRICA E DIÁSPORA: LENTES CONTEMPORÂNEAS, VISTAS BRASILEIRAS E AFRO-BRASILEIRAS <i>Anani Dzidzienyo</i> |
| 233 | 10. | ABDIAS NASCIMENTO E O SURGIMENTO DE UM PAN-AFRICANISMO CONTEMPORÂNEO GLOBAL <i>Carlos Moore</i> |
| 249 | | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS |



APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO

POR QUE AS MATRIZES AFRICANAS?

A **REEDIÇÃO** da coleção Sankofa acontece em um momento de singular importância para os estudos brasileiros sobre a África e as diásporas africanas. Hoje, os estudos africanos não atendem apenas a uma demanda exclusiva do movimento social negro, mas de toda a sociedade, e tornam-se indispensáveis para o conhecimento do mundo no qual vivemos e dos mundos que nos precederam. Fruto do ativismo de educadores negros e seus aliados, a Lei nº 10.639/2003 coloca a sociedade inteira diante da obrigatoriedade de assumir o legado africano como uma pré-condição essencial para desenvolver o conhecimento. Era precisamente isso – assumir essa pré-condição e atender a essa demanda – que se almejava com a produção da coleção Sankofa na década de 1980. Por que assumir o legado africano como pré-condição essencial do conhecimento? Os temas abordados nestes quatro volumes vêm nos mostrar: as histórias e as culturas africana e afro-brasileira dizem respeito não apenas aos descendentes africanos, mas à humanidade como um todo e ao Brasil como nação.

No primeiro volume, vamos conhecer por que a noção da África como berço único da humanidade, arcaica e moderna, é um dos dados que se impõem com força cada vez maior nos estudos interdisciplinares sobre os seres humanos e as redes sociais complexas que estes têm constituído ao longo de seus quase três milhões de anos de existência. Entenderemos por que é necessário conhecer a África para compreender a origem das primeiras civilizações e a formação do mundo antigo e contemporâneo. Teremos uma introdução à saga de resistência dos povos africanos ao domínio colonial e ao sistema escravista mercantil, que implantou as nações modernas das Américas, e exploraremos as implicações dessa dinâmica nas relações entre Brasil e África. O segundo e o terceiro volumes abordam aspectos básicos de como a matriz africana fundamenta a cultura brasileira e da importância da luta anti-racista dos negros para a história brasileira, inclusive na área da educação. Os dois livros mostram o papel fundamental da mulher negra e da religiosidade de origem africana na formação da cultura brasileira e nas perspectivas de sustentação do meio ambiente. No quarto volume, conheceremos uma das contribuições que os intelectuais africanos oferecem ao desenvolvimento do saber no mundo contemporâneo.

Este conjunto de obras aparece em um momento no qual já foi nitidamente desenhado o tipo de estruturas socioeconômicas planetárias que pretendem ditar as normas em todos os âmbitos, especialmente no da educação. O mundo globalizado que tomou forma a partir da queda do projeto comunista e do fim da Guerra Fria é um mundo hegemônico não somente do ponto de vista econômico e político, mas também (e sobretudo) do ponto de vista ideológico. Embora se apresente como um mundo antiideológico – aliás, como o mundo do fim das ideologias –, na realidade ele massifica e difunde globalmente uma cultura ideológica que se apresenta como inclusiva. Trata-se da imagem fracionada de uma diversidade rasa e fácil, transmitida nos pulsos eletrônicos dos meios de comunicação de massa, incapaz de remeter à riqueza e à profundidade das diferentes culturas e experiências históricas. O recente revisionismo da narrativa histórica sobre a África faz parte dessa visão hegemônica cujo impacto contribui para manter a subalternização e a dominação dos povos e descendentes africanos.

A coleção Sankofa realiza um trabalho no sentido contrário – o de reafirmar e aprofundar as bases históricas de uma narrativa cujos protagonistas são o próprio povo africano e sua produção intelectual e científica – e oferece referenciais para uma formação intelectual capaz de contemplar as verdadeiras dimensões de nossa diversidade, contribuindo assim para a elaboração do pensamento contemporâneo.

CARLOS MOORE

Salvador, 2008



INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO

APÓS TREZE anos, voltamos a editar a coleção Sankofa (desta vez em quatro volumes), no intuito de atender à demanda que aumentou bastante desde a primeira edição. Continuam escassos, se comparados à amplitude dessa demanda, os recursos disponíveis para subsidiar o ensino da história e da cultura afro-brasileiras, apesar de estar em vigor, há quatro anos, a lei que o torna obrigatório.

Tal demanda não é apenas quantitativa, mas principalmente qualitativa. Precisamos de obras que abordem esses temas de um novo ponto de vista. Carecemos de pesquisas e reflexões construídas sobre novas bases epistemológicas. As informações reunidas nos volumes da coleção Sankofa atendem a essa demanda específica, e temos certeza de que serão de grande valor para uma população que está inserta em um mundo cada vez mais globalizado e procura fundamentar uma nova articulação de sua identidade. Refiro-me à população brasileira, e não apenas aos negros brasileiros. Para estes, porém, a recuperação de identidade ganha uma dimensão espacial, pois a distorção, a escamoteação e a falta de referências sobre a história e a cultura afro desembocam no desconhecimento de suas raízes, que são também as raízes do Brasil.

A falta de conhecimento sobre suas origens contribui para que os afrodescendentes tenham pouca auto-estima, o que impede seu acesso pleno às oportunidades e mina sua capacidade de lutar por direitos. Essa situação levou o movimento social afro-brasileiro a exercer forte pressão política. Esse movimento, que vem se articulando desde a Convenção Nacional do Negro, realizada no Rio de Janeiro e em São Paulo nos anos de 1945 e 1946, quando intelectuais e ativistas negros advogaram medidas afirmativas no contexto da Assembléia Constituinte de 1946, expandiu-se bastante nas décadas de 1970 e 1980. No final do século XX, com a terceira Conferência Mundial contra o Racismo, o movimento abriu nova brecha com a modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003), que tornou obrigatória a temática história e cultura afro-brasileira.¹

A primeira edição desta coleção marcou um momento rico nesse processo, pois foi publicada pela Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras (Seafro), único órgão executivo estadual de primeiro escalão voltado para a articulação e implementação de políticas públicas de combate ao racismo.² O projeto Sankofa incluía a distribuição dos livros às bibliotecas públicas e às redes de ensino municipais e estadual do Rio de Janeiro, bem como a realização de fóruns e atividades de preparação de educadores para o ensino da história e da cultura afro-brasileiras. Essas iniciativas aconteceram uma década antes da promulgação da Lei nº 10.639, de 2003. Essa primeira versão da coleção Sankofa, em dois volumes, reunia os textos de apoio para o curso Sankofa, ministrado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) no período de 1983 a 1995³, bem como o resultado dos dois fóruns que o Ipeafro realizou em conjunto com a Seafro (Nascimento, E. L., 1991b, 1993). Uma segunda edição da coleção, com três volumes, trouxe novos ensaios.⁴

A presente coleção acrescenta um quarto volume aos três da edição anterior, atualizados e com novos conteúdos. O segundo volume, *Cultura em movimento – Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*, focaliza a matriz africana no Brasil, o movimento social afro-brasileiro e a questão prioritária da ação deste: a educação. Além de trazer informa-

ções atualizadas sobre esses temas, focaliza a Lei nº 10.639, de 2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O terceiro volume, *Guerreiras de natureza – Mulher negra, religiosidade e ambiente* fala sobre o culto aos orixás e preservação da natureza, entre outros assuntos atuais da temática afro-brasileiras. O quarto volume, *Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora*, antologia de ensaios sobre a afrocentricidade, introduz ao público brasileiro a proposta epistemológica articulada pelo professor Molefi K. Asante com base nos referenciais clássicos da tradição e do saber africanos e liga-se estreitamente à obra do grande cientista senegalês Cheikh Anta Diop.

Os textos reunidos no presente volume incluem considerações sobre momentos específicos, como o quinto centenário da “descoberta” do Brasil. Creio que serão valiosas como referências históricas, inclusive para comparar a época atual com a da primeira edição e auferir ganhos e perdas. Por outro lado, o retrato de um momento na história de Angola, por exemplo, é um pouco como uma fotografia: fixa uma imagem que, embora tenha mudado, transmite aspectos da configuração das relações de poder no mundo globalizado que continuam vigentes até hoje. Além de retratar um momento histórico, os textos dos três embaixadores africanos conduzem a reflexões e informações bem mais amplas.

No presente volume, tivemos o prazer e a honra de contar com dois textos novos. Carlos Moore, ativista e intelectual na melhor acepção das palavras, brinda-nos com um depoimento sobre o pan-africanismo. Trata-se da avaliação de quem vivenciou a militância pan-africanista ao longo de algumas décadas e continua a exercer a interrogação intelectual do mundo que melhor caracteriza qualquer pesquisador e pensador. Sua convivência e colaboração com Cheikh Anta Diop qualificam-no, também, como um sankofista nato.

Outro sankofista de primeira ordem é Anani Dzidzienyo, distinto professor de estudos africanos e brasileiros na prestigiosa Brown University, nos Estados Unidos. O intelectual africano ganaba (filho de Gana), também na melhor acepção das palavras, gentilmente colaborou com um texto que reúne suas reflexões sobre a questão da afro-latini-
dade nas Américas e as relações Brasil-África.

Gostaria de agradecer aos profissionais e colegas que colaboraram de forma generosa com este projeto – especialmente o pesquisador Carlos Henrique Bemfica e a assistente Cassilda Maria dos Santos, pelo apoio na elaboração desta nova edição.

ELISA LARKIN NASCIMENTO
Rio de Janeiro, setembro de 2007

NOTAS

- 1 | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE (SECAD). Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. (Parecer CNE/CP 003/2004). In: MEC/SECAD. *Ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: MEC/Secad, 2006, p. 229-57. Também disponível em: <<http://diversidade.mec.gov.br/sdm/arquivos/diretrizes.pdf>>.
- 2 | Leonel de Moura Brizola, então governador do Rio de Janeiro, criou a Seafro em 1991. Em 1995, o sucessor de Brizola a extinguiu. Vale lembrar que os conselhos estaduais e municipais de defesa dos direitos dos negros são órgãos consultivos.
- 3 | Alguns desses textos, mais tarde, desdobraram-se em livros: Lopes (2003, 2006), Nascimento, A. (2002c), Nascimento, E. (2003b).
- 4 | O conselho editorial da Uerj aprovou a coleção de três volumes, mas a EdUerj publicou somente o primeiro (Nascimento, E. L., 1996).



NOTA HISTÓRICA

O CURSO Sankofa foi idealizado e organizado pelo Ipeafro, entidade fundada em 1981 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que se transferiu em 1985 para o Rio de Janeiro. Ao longo desses quinze anos, o Ipeafro vem realizando diversos trabalhos para recuperar e valorizar a história e a cultura afro-brasileiras. Sua proposta engloba uma atuação acadêmica engajada, capaz de contribuir para uma sociedade pluralista e democrática em que a produção intelectual ofereça sustentação às diversas vozes que convivem e compartilham um mundo também diverso. Entre suas atividades estão: a realização do terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas (São Paulo, 1982); a organização, juntamente com a ONU, do seminário “Cem Anos de Luta pela Independência da Namíbia” (Rio de Janeiro, 1984); a edição da revista *Afrodíaspóra*; a pesquisa de campo “Quilombos contemporâneos”; a realização de dois fóruns sobre a África na escola brasileira (Rio de Janeiro, 1991 e 1993); a realização do colóquio “Dunia Ossaim: os afro-americanos e o meio ambiente”, evento vinculado à Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, mais conhecida como Rio-92 ou Cúpula da Terra.

Cabe assinalar o apoio que o projeto Sankofa recebeu da Seafro, órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro. O governador Leonel de Moura Brizola, talvez o único político brasileiro de estatura nacional, até o momento, a compreender a necessidade de políticas públicas que contemplem as necessidades específicas da população afro-brasileira, demonstrou coragem e firmeza ao criar esse órgão de primeiro escalão dedicado à formulação e à execução de tais políticas. Por isso vem sendo duramente criticado tanto por setores conservadores como por setores progressistas da política nacional. A criação da Seafro representa um avanço político inédito. Seu apoio ao projeto Sankofa permitiu que este se desdobrasse no colóquio “Dunia Ossaim” e nos fóruns sobre a África na escola brasileira, realizados em todo o estado do Rio de Janeiro. Alguns dos textos apresentados nesses trabalhos foram publicados e distribuídos pela Seafro à rede pública de educação e de bibliotecas.

Em 1993, sob a gestão do reitor Hésio Cordeiro, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) acolheu a proposta acadêmica do Sankofa, criando no Centro de Ciências Sociais (CCS), dirigido pelo professor José Flávio Pessoa de Barros, o Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-americanos (Proafro), cujo setor de ensino coordenei. Nessa época, dei continuidade ao curso Sankofa e organizei a disciplina eletiva “Matrizes africanas da realidade brasileira: bases para uma pedagogia eficaz”, oferecida no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Uerj. Tivemos, ainda, a honra de contar com o então embaixador de Gana, o escritor e historiador Kofi Awoonor, que proferiu palestra para o curso, na PUC-SP, em 1984. O grande antropólogo e escritor Darcy Ribeiro, por sua vez, esteve na Uerj e ministrou uma palestra para o Sankofa em 1990. Pouco antes de falecer, Ironides Rodrigues, o grande e pouco conhecido intelectual afro-brasileiro, também proferiu sua palestra no curso Sankofa.

Agradeço, muito especialmente, o engajamento e a dedicação de todos os professores do curso Sankofa, que vêm colaborando com o projeto ao longo desses anos. Além dos autores incluídos neste volume, já participaram do corpo docente do Sankofa os professores Muniz Sodré, Juana Elbein dos Santos, Nei Lopes, João Baptista Borges Pereira, Helena Theodoro, Joel Rufino dos Santos, Djalma Corrêa, Eduardo de Oliveira,

José Flávio Pessoa de Barros, Maria José Lopes da Silva, Adilson Pinto Monteiro, Neuza Santos Souza, Éle Semog, Rogério Andrade Barbosa, Estêvão Maya Maya, Maria de Lourdes Teodoro, Eliane Santos de Souza e Rimes Soares. Agradeço especialmente, *in memoriam*, a participação das professoras Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento.

À professora Telma Rosina Simone da Gama, do CCS/Uerj, nosso comovido abraço pelo apoio e incentivo infalíveis.

O Ipeafro existe - e, portanto, também o curso Sankofa - graças à inspiração e ao esforço monumental de Abdias Nascimento, que ao longo de sua vida tanto criou e construiu para o avanço da causa afro-brasileira.

ELISA LARKIN NASCIMENTO

Rio de Janeiro, 1996



APRESENTAÇÃO

NO BRASIL, os estudos sobre a África surgiram em contextos históricos diferentes, embora aparentados. No primeiro contexto, que pode ser situado entre 1900 e 1950, o conhecimento da África está relacionado aos clássicos estudos afro-brasileiros. Essa primeira fase serve apenas como pano de fundo cultural para entender os mecanismos de resistência, continuidade e inovação das culturas africanas no Novo Mundo. Nina Rodrigues tinha como preocupação principal entender os negros brasileiros e sua influência na sociedade brasileira. Mas os negros, em sua obra, foram enfocados como *objetos*, e não como *sujeitos* do conhecimento, de acordo com as alternativas da Antropologia – em grandes linhas, “evolucionista” – de sua época. Por isso, Nina viu-se obrigado a recorrer ao método comparativo para fazer uma aproximação entre as características do negro brasileiro e as do negro de suposta origem africana. Digo “suposta” porque, apesar de Nina ter utilizado dados lingüísticos, étnicos e geográficos obtidos por meio de entrevistas com os velhos negros escravizados e seus descendentes, também retirou parte importante das informações de consultas aos escritos dos missionários, administradores colonialistas e viajantes da época. Ora, sabemos quantas monstruosidades e distorções, tanto de

natureza ideológica como de ignorância, esses escritos legaram às futuras gerações!

No segundo contexto, que situamos aproximadamente nas décadas de 1950 e 1960, os estudos sobre a África ressurgem no quadro da solidariedade do Terceiro Mundo, dentro do espírito da Conferência de Bandung (1955), e têm seu apogeu após a queda do império colonial e nos anos que se seguem à independência da maioria dos países africanos. Essa solidariedade foi acompanhada de interesse comercial e econômico, que tornou obrigatório um melhor conhecimento a respeito do futuro parceiro. Ganharam destaque, nessa fase, os estudos sobre a África – até então abandonada à curiosidade de alguns pesquisadores isolados – e a necessidade de cooperação cultural e técnico-científica. Tal cooperação quase não se concretizou. A retórica oficial enfatizou muito a importância de conhecer melhor a África para reforçar os laços de parentesco histórico resultantes da escravidão e da colonização que ligaram o Brasil e a África, em particular, aos países de língua e colonização lusófonas.

O terceiro contexto, estreitamente vinculado à ação político-ideológica do segmento afro-brasileiro – “afrodescendente” ou “africano-brasileiro”, para utilizar expressões que estão na moda –, situa-se na década de 1970. No entanto, tem profundas raízes no conteúdo do Teatro Experimental do Negro (TEN), do professor Abdias Nascimento, e do Teatro Popular, de Solano Trindade, obras cujo apogeu se situa entre 1944 e 1950. Ao retomar a questão, com muita força, ideológica e politicamente, os movimentos negros contemporâneos querem resgatar sua identidade coletiva. Esse resgate passa certamente pela questão da cor inferiorizada e da cultura negada e/ou reduzida pela cultura hegemônica dominante. Daí a necessidade de retomarem o estudo de suas matrizes africanas como caminho indispensável para aprofundar os conhecimentos e as reflexões sobre sua cultura. Essa retomada exige conhecimento científico da África em sua complexidade histórica, religiosa, política, econômica, social e assim por diante – a África vista não apenas em seus aspectos antigos e passados, mas também em suas realidades modernas e contemporâneas. Tais conhecimentos têm sido minimizados e negligenciados no Brasil, em comparação com

os estudos sobre a Europa, a Ásia e as sociedades indígenas. Quantas vezes ouvi colegas brasileiros, autoproclamados “especialistas” em negros, repetindo a famosa frase: “Não precisamos de africanismos para entender nossos negros”.

A jovem geração de afrodescendentes politicamente mobilizados precisa pressionar os responsáveis por seu país para que a África continental e a África da diáspora sejam ensinadas na escola em pé de igualdade com as demais culturas que contribuíram na formação do povo brasileiro. Vozes internas e externas da comunidade afrodescendente do Brasil insistem na necessidade de uma reciclagem, de uma nova abordagem epistemológica da África que rompa com as idéias preconceituosas da herança intelectual colonialista.

Os movimentos negros contemporâneos, enriquecidos pela experiência dos movimentos anteriores (Frente Negra, Teatro Experimental do Negro, pan-africanismo, *Négritude*), têm plena consciência de que a luta contra o racismo exige uma abordagem integral de sua problemática, inclusive da construção de sua identidade e de sua história, até então contada apenas do ponto de vista do dominante. Parafraseando o historiador Joel Rufino dos Santos, trata-se de tornar o negro brasileiro visível através do seu passado recuperado. Embora pareça uma tarefa de menor importância, é o primeiro e indispensável passo para promovê-lo à condição de brasileiro de alto nível.

Um projeto nacional de construção de uma verdadeira cidadania e democracia não pode ignorar a diversidade e as identidades plurais que compõem a sociedade brasileira. A democracia implica diálogo entre os segmentos étnicos que compõem a sociedade, para que as especificidades individuais e culturais de grupos diferentes possam coexistir. Ou seja, a democracia exige o respeito da diversidade étnica e cultural, bem como o reconhecimento do direito de toda cultura: o de cultivar suas especificidades, pois assim ela enriquece o próprio *ethos* cultural brasileiro. Desde 1984, o Sankofa, ou o curso “Conscientização da cultura afro-brasileira” do Ipeafro, vem respondendo à demanda, da sociedade brasileira como um todo e da comunidade afrodescendente em especial, pela inclusão no currículo escolar das contribuições africanas à civilização universal e à cultura brasileira, contrariando a historiografia

oficial de origem colonialista, que sempre exibiu uma África primitiva, atrasada e inferior, uma África que nada trouxe de positivo à história da humanidade. Ao substituir uma história falsificada da África por uma verdadeira história, o Sankofa está, sem dúvida, contribuindo para os esforços coletivos de reabilitação da personalidade coletiva dos africanos e seus descendentes da diáspora e, conseqüentemente, para a construção de uma base de ação de resgate de sua identidade positiva.

Além dos cursos, por meio dos quais se reciclam e formam professores e recursos humanos multiplicadores de uma nova visão da África e da cultura da afrodiáspora, o Sankofa publica textos e livros capazes de atender a essa nova demanda, resultado da necessidade de uma educação pluricultural no processo de construção do novo cidadão brasileiro e da verdadeira democracia, isto é, uma democracia plurirracial e pluricultural.

KABENGELE MUNANGA
São Paulo, junho de 1996



INTRODUÇÃO

APRESENTAMOS AO leitor a coleção Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, na esperança e na certeza de contribuir para uma nova reflexão sobre questões importantes relacionadas à experiência afro-brasileira e às suas matrizes histórico-culturais. Os três volumes¹ representam o conteúdo básico do curso de extensão universitária “Sankofa – Conscientização da cultura afro-brasileira”, que o Ipeafro oferece desde 1984.

A matriz africana no mundo, o primeiro dos três volumes da coleção, reúne ensaios sobre questões do mundo africano, de suas civilizações antigas e seu papel na formação da civilização humana até a experiência da diáspora compulsória da escravidão e a resistência dos africanos escravizados em toda a América. A participação, no curso, dos representantes de dois países africanos, Gana e Angola, propiciou momentos extremamente ricos de intercâmbio de idéias e informações do ponto de vista africano atual. Nos textos do embaixador Michael Hamenoo, de Gana, e do embaixador Francisco Romão de Oliveira e Silva, de Angola, a experiência atual dos países africanos ganha relevo ao lado de considerações sobre sua história. A intervenção do cônsul de Angola no Rio de Janeiro, Ismael Diogo da Silva, apresenta valiosos dados histó-

rico-culturais e assinala que a situação daquele sofrido país clama por uma atenção do mundo civilizado. Além de oferecer informações sobre a matéria em estudo, a inclusão dos textos dos representantes de Angola tem o objetivo de realçar a notável falta de sensibilidade da mídia internacional e do mundo ocidental para com povos africanos que sofrem, há décadas, os horrores de guerra provocados, em grande parte, pela sustentação de forças militares simpáticas às diversas potências econômicas mundiais. O ensaio de Michael Hamenoo assinala a mesma falta de sensibilidade em relação às exigências feitas por organismos internacionais aos países africanos, cujo papel na ordem mundial econômica e política é determinado, em grande parte, pela herança do colonialismo que os deixou destituídos de infra-estrutura e recursos humanos.

Os próximos dois volumes da coleção Sankofa focalizam a experiência afro-brasileira. O segundo volume, *Matriz africana e militância negra*, traz estudos de Nei Lopes sobre a cultura e a trajetória dos bantos e dos malês, africanos islamizados, no Brasil. A saudosa professora Maria Beatriz Nascimento escreve sobre a experiência dos quilombos como fenômenos de resistência africana e afro-brasileira. Outros ensaios focalizam os movimentos afro-brasileiros no período pós-abolição (1916-1968), o Memorial Zumbi e o quilombismo. Uma segunda parte do volume é dedicada à questão das relações raciais no ensino, reunindo alguns dos textos apresentados no I Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública, bem como as considerações teóricas e as conclusões ali aprovadas.

O terceiro volume intitula-se *Mulher negra, religiosidade e meio ambiente*. Nele, destaca-se a contribuição da professora Lélia González, intelectual e militante de saudosa memória, num texto ainda atualíssimo sobre a mulher negra no Brasil. Helena Theodoro Lopes, Sueli Carneiro e Cristiane Curi escrevem acerca da religiosidade afro-brasileira e do protagonismo feminino no seu contexto. Gizêlda Melo do Nascimento e Dandara Rodrigues contribuem com textos sobre mulher e meio ambiente na cultura afro-brasileira, enquanto Nei Lopes focaliza a confluência, nesse aspecto, das culturas africana e indígena no Brasil. O professor José Flávio Pessoa de Barros apresenta, em co-autoria com Maria Lina Leão Teixeira e Clarice Novaes da Mota, duas pesquisas

específicas: uma sobre o fenômeno das folhas e a construção do ser no candomblé e outra sobre representações e drama social afro-indígena.

O objetivo do curso “Sankofa – Conscientização da cultura afro-brasileira” é contribuir para a integração dos assuntos afro-brasileiros no currículo escolar e a preparação de quadros no magistério aptos ao ensino dessas matérias. Procura atender à necessidade de corrigir os estereótipos e as distorções existentes no currículo escolar brasileiro em relação à história, à cultura e à experiência dos africanos no nosso país, nas Américas e no mundo. Entendemos que todas as crianças – e não apenas as crianças negras – sofrem os prejuízos da imagem negativa dos povos africanos veiculada pelo ensino, uma vez que essas distorções afetam a visão que a escola constrói de sua gente e de seu país, cuja origem africana sobressai em quase todos os sentidos: demográfico, cultural, histórico, lingüístico e na própria personalidade – o *ethos* nacional. A inferiorização do grupo étnico que durante três quartos da existência do Brasil formou a grande maioria de sua população, e ainda hoje continua majoritário, gera um complexo de inferioridade arcaico e antibrasileiro.

A experiência desses dez anos de realização do curso Sankofa traz, tanto para a comunidade afro-brasileira como para a população em geral, inúmeros subsídios sobre a experiência africana no Brasil e no mundo. Ao longo desta década, verificamos o anseio da população negra em buscar informações capazes de fundamentar sua libertação dos estereótipos definidores daquela “cidadania lúdica” (expressão da vereadora Jurema Batista) a que a sociedade restringe a comunidade afro-brasileira. Reduzida sua identidade específica aos campos do esporte, do ritmo, do carnaval e da culinária, fica a coletividade afro-brasileira subliminarmente excluída das esferas política, econômica, tecnológica, científica, enfim, da cidadania produtiva e do protagonismo social.

O resgate da riquíssima história dos povos africanos, repleta de inovações sociais, políticas, intelectuais e científico-tecnológicas, ajuda a reconstruir a imagem de sua participação digna e ativa em todas as dimensões da experiência humana, esboçando a possibilidade de uma cidadania plena para seus descendentes nas Américas.

Esperamos que o lançamento do primeiro desses três volumes da coleção Sankofa contribua para enriquecer o saber e a discussão sobre uma dimensão da cultura e da experiência social brasileira que merece muito mais atenção do mundo acadêmico.

ELISA LARKIN NASCIMENTO
Rio de Janeiro, agosto de 1994

NOTAS

1 | O quarto volume, *Afrocentricidade - Uma abordagem epistemológica inovadora*, foi acrescentado à presente edição da coleção Sankofa.